



Revista Portuguesa de Educação Artística,
Volume 10, N.º 2, 2020
DOI: 10.34639/rpea.v10i2.###
<https://rpea.madeira.gov.pt>

Carlos Trincheiras: um Olhar sobre o Legado do Coreógrafo Português no Brasil¹

Carlos Trincheiras: a Look at the Legacy of the Portuguese Choreographer in Brazil

Teresa Norton Dias

Mestre em Relações Interculturais

Investigadora do Centro de Estudos das Migrações e das Relações Interculturais CEMRI/UAb

teresadias625@gmail.com

RESUMO

Quisemos homenagear, recordando, num ano em que se comemoraram as relações Portugal-Brasil (2013), o coreógrafo português que, uma vez estabelecido no Brasil, em agosto de 1979, se perdeu na forma adormecida das memórias que cada um guarda do seu legado. Procurámos lembrar a sua estadia naquele país, cunho que não terá passado despercebido na cidade de Curitiba, estado do Paraná, onde se estabeleceu. Tomou, como sede do seu trabalho, o Teatro Guaíra, dando um novo ímpeto a um grupo de bailarino(a)s que, até à data, integrava o *Corpo de Baile da Fundação Teatro Guaíra*, ajudando e apoiando o seu crescimento em número e em experiência, inculcando uma nova dinâmica e filosofia de trabalho, em que o rigor técnico não intimidou a interpretação artística de quem dançava.

Palavras-Chave: Carlos Trincheiras; Bailado; Coreógrafo Português; O Grande Circo Místico

ABSTRACT

We wanted to pay homage, recalling, in a year in which Portugal-Brazil relations (2013) were celebrated, the Portuguese choreographer who, once established in Brasil, in August 1979, lost himself in the dormant form of the memories that each guard of the your legacy. We tried to remember his stay in that country, which have not gone unnoticed in the city of Curitiba, state of Paraná, where he settled. The Guaíra Theater was the headquarters of his work, giving new impetus to a group of ballet dancers who, until then, were part of the Teatro Guaíra Foundation's Ballet, helping and supporting their growth in number and in experience, instilling a new dynamic and work philosophy, in which the technical rigor did not intimidate the artistic interpretation of those who danced.

Keywords: Carlos Trincheiras; Ballet; Portuguese Choreographer; O Grande Circo Místico

¹ Texto da comunicação, com o mesmo título, apresentada em A Hora do Brasil – I Encontro de Estudos Brasileiros (2013, maio 31). Funchal: Universidade da Madeira. Revisto em julho de 2019.

É tão importante estudar-se a vida de pessoas e personalidades, como é importante falarmos da sua obra. A escolha do legado de Carlos Trincadeiras, coreógrafo português de renome internacional, para, no ano em que se comemoraram as relações Portugal-Brasil ser objeto de reflexão, deve-se essencialmente ao fator migratório implícito, face à oportunidade que constituiu a mudança, numa altura em que rompia com a direção do Ballet Gulbenkian, no final dos anos setenta do século XX. Embora a mobilidade fosse um fator próprio da profissão que abraçara é, no Brasil que procura e encontra, o reconhecimento do seu trabalho.

A obra coreográfica deixada por Carlos Trincadeiras estende-se, por isso, a espaços lusófonos entre o Ballet Teatro Guáira, em Curitiba, no Brasil e o Ballet Gulbenkian e a Companhia Nacional de Bailado, em Lisboa, Portugal. É nos catorze anos de residência naquele país, que cria os trabalhos coreográficos que marcaram o seu legado e que recria depois, para o Ballet Gulbenkian e a Companhia Nacional de Bailado, em Portugal.

1. Nota Biográfica

Carlos Henrique Machado Trincadeiras (Torres Novas-Portugal, 4 de junho de 1937 – Curitiba-Brasil, 13 de maio de 1993). Foi casado com a bailarina portuguesa Isabel Santa Rosa e pai de um filho, Carlos Trincadeiras, artista plástico residente no Brasil. Já perto da idade adulta começou a interessar-se pelo bailado, tendo iniciado os seus estudos com Margarida de Abreu, no *Círculo de Iniciação Coreográfica*. Completou a sua formação artística na *Rambert School*, em Lon-

dres, com Boris Kniasseff, em Paris e, ainda, na *Folkwang Hochschule* de Essen-Werden, Alemanha, onde estudou dança moderna e pedagogia da dança clássica com Hans Zullig e Vera Volkova. Dançou repertório clássico sob a direção de Norman Dixon, Leonide Massine, Serge Lifar, Anton Dolin, Nicholas Beriosoff e Yurek Lazowski, entre outros. Foi nomeado coreógrafo-assistente do *Ballet Gulbenkian* em 1971, onde integrou a comissão artística que dirigiu a companhia entre 1975 e 1977. Trabalhou com coreógrafos como Maurice Béjart, John Butler, Hans Van Manen, Norman Walker, Paul Sanasardo, Milko Sparembek e Lar Lubovitch. Em 1977 passou a mestre de bailado e coreógrafo residente, cargos que desempenhou até 1979. Em agosto, deste ano, estabeleceu-se em Curitiba, onde dirigiu, até à sua morte, o *Ballet Teatro Guáira*, fundado em 1969 naquela cidade do Estado do Paraná – Brasil, sob a designação de *Corpo de Baile da Fundação Teatro Guáira*. Criou diversos bailados para ópera, televisão e cinema. Coreografou mais de trinta obras para os repertórios do *Ballet Gulbenkian*, da *Companhia Nacional de Bailado* e do *Ballet Teatro Guáira*.

2. Curitiba, Brasil – *Ballet Teatro Guáira*

Sob a sua direção artística, o *Corpo de Baile da Fundação Teatro Guáira* que, entre 1979 e 1983, se denominara *Ballet Guáira* passa, neste ano, a denominar-se *Ballet Teatro Guáira*, título que conservou até 1999, altura em que, por opção da sua direção, reduz o elenco e segue uma linha de movimento contemporâneo com a denominação de *Guáira 2 Cia. De Dança*.

Carlos Trincheiras foi, na história da companhia de bailado sedeadada no Teatro Guaíra, na cidade de Curitiba, o coreógrafo que, até à data (2013) exerceu funções durante um período mais longo de tempo, tendo, para além da montagem de grandes clássicos como *Raymonda*, *Grand Pas-de-Quatre*, *O Quebra-Nozes*, *Giselle* e *D.Quixote* (seu último trabalho) criado novas coreografias para bailados emblemáticos no seu tempo e estilo, como *Petruchka* e a *Sagração da Primavera*, em linhas estéticas completamente diferentes daqueles últimos, o que revela a versatilidade do trabalho que desenvolvia.

Porque importa lembrar a produção mais emblemática do seu legado como coreógrafo, falamos de *O Grande Circo Místico*, um bailado em dois atos, resultado de um trabalho de equipa com nomes como Chico Buarque, Edu Lobo e Naum Alves de Souza, na adaptação para espetáculo, de um poema de Jorge de Lima (1938), que conta a história de uma família e de várias gerações, de artistas circenses. Esta produção, criada numa linguagem clássica com uma grande componente teatral, de grande acessibilidade e impacto junto do público, garantiu a sua permanência em palco durante dois anos e mais de uma centena de espetáculos, com passagem por Lisboa, em 1984, projetando a companhia, nacional e internacionalmente.

Reposto em 2002, numa versão coreográfica de linhas diferentes da criada por Carlos Trincheiras em 1983, *O Grande Circo Místico* é, em 2013, uma produção em vias de voltar a palco ao estilo deste coreógrafo e levado à cena cinematográfica pela mão de Cacá Diegues, como se lê na imprensa brasileira: “Nova versão do balé e filme de Cacá

Diegues já estão em produção.” (Brant, 2013).

Pela forma como promoveu a mudança de atitude perante o novo projeto do *Ballet Teatro Guaíra*, é frequente ler-se na imprensa, que “criou escola” naquela instituição. Essa mesma escola retribui-lhe mais tarde o ensino, em homenagem póstuma, com o espetáculo *Alma de Artista: Carlos Trincheiras – Um Homem à Frente de Seu Tempo*, produzido pela Escola de Dança Teatro Guaíra, onde conta com a participação de bailarino(a)s seus contemporâneos. Na publicação *online* da Agência de Notícias do Estado do Paraná podemos ler:

Trincheiras foi responsável por um dos períodos de maior destaque do Ballet Teatro Guaíra. [...] Além dos alunos da Escola de Dança Teatro Guaíra, o espetáculo tem a participação especial das bailarinas Eleonora Greca e Ines Drumond e do bailarino Wanderley Lopes. Participam como atores convidados George Sada e Lia Comandulli. (Agência de Notícias Estado do Paraná, 2010: para. 2)

3. O Grande Circo Místico

O Grande Circo Místico é a designação de um bailado em dois atos, que marcou a produção do *Ballet Teatro Guaíra*, no período em que Carlos Trincheiras foi Diretor Artístico e nas gerações que se lhe seguiram. A sua denominação remete-nos para o cariz da obra, cuja leitura, transportada para palco em 1983, não é alheia ao misticismo de que é rodeada, patente no guião do espetáculo (referenciado nas fontes como “roteiro”) e nos aspetos plásticos que compõem o cenário, os figurinos e os movimentos coreográficos que transmitem uma sólida técnica clássica e, simultaneamente, leveza e carisma no movimento,

como apreciámos no vídeo disponibilizado no Canal *Youtube* pela C.D.L. (2009).

Da ficha técnica recordamos Jorge de Lima, autor do poema em cuja história se baseia o guião do bailado *O Grande Circo Místico* (da obra “A única inverosímil”); Naum Alves de Souza, autor das ilustrações do disco e do guião do bailado; Chico Buarque, autor das letras das canções; Edu Lobo, autor da melodia; Chiquinho de Moraes, autor da orquestração; Carlos Trincadeiras autor da coreografia; Emílio Di Biasi autor da encenação; uma obra produzida sob alçada do *Ballet Teatro Guaíra*.

Nasce de uma ideia original de Naum Alves de Souza que testemunha: “Quando li aqueles versos achei lindo e fui atrás do poema completo. Não conhecia nada do Jorge de Lima. Aquilo era muito diferente. Mesclava circo, religiosidade, mistério e achei que renderia um espetáculo.” (Souza *apud* Brant, 2013: para. 1).

Em 17 de março de 1983 estreia-se *O Grande Circo Místico*, com a qual Carlos Trincadeiras é distinguido, em S. Paulo, com o Prémio Bandeirantes. Do caráter inovador do seu trabalho faz parte a combinação de uma rigorosa coreografia de técnica clássica, com movimentos de expressão teatral, figurinos apelativos e a destreza com que abordara determinados pormenores. Para Wanderley Lopes, um dos êxitos do espetáculo foi a combinação entre a dança e o teatro: “O gestual, a fotografia, o gelo seco. Na época era o máximo”, lembra. A montagem foi um divisor de águas na trajetória do Guaíra.” (Lopes *apud* Brant, 2013: para. 11).

Produção corajosa e também muito ambiciosa de um bailado concebido numa linguagem acessível, capaz de poder ser compreendida por todos,

criado para viajar por todo o país, considerando a mobilidade do seu todo. Vejamos como Carlos Trincadeiras descreve, na primeira pessoa, em 1984, em Lisboa, o processo do bailado que se encontrava a apresentar:

O Grande Circo Místico conta a história de várias gerações de um circo. O bailado começa com uma apresentação meia caricata de uma “ópera da corte”, onde o filho de médico, que é dançado pelo Jair Moraes, um dos nossos primeiros bailarinos, em desacordo com a atividade e com os movimentos daquela corte caricatura, foge levado por um cavalo branco, e encontra uma equilibrista que é dançada pela nossa bailarina Eleanora Greca. Eles têm uma união, têm um dueto, e desse dueto nasce a Charlotte e eles inauguram a dinastia do Circo Knieps, com aquela menina, que é o prodígio do circo. Dessa menina, que casa com um Pierrot, nasce um outro elemento que em princípio deveria ser também um palhaço do circo que é dançado pelo nosso bailarino Francisco Duarte. Nessa altura da história, este bailarino, o personagem que se chama Oto Frederic, em desacordo com o que se passa dentro do circo, não lhe agrada aquele ambiente, vai atrás de uma trupe que faz *music hall*, uma trupe de cabaret. Nessa trupe de cabaret, ele tem uma série de incidentes e desses incidentes, tem um amor com uma das estrelas, digamos, uma das estrelas da revista, que é dançado por uma bailarina principal, que não está aqui entre nós, que é a Cristina Kamura. Desse encontro, nasce um[a] personagem estranho[a] que vai marcar todo o segundo ato, que é a Margaret. Nós acabamos o primeiro ato com uma filha desta reunião do palhaço com uma artista de *music hall* e que é um[a] personagem marcado estranhamente por um misticismo meio louco, meio doentio e acaba o primeiro ato assim. Tanto personagens de certos caracteres para outros, até se conseguir atingir um final, um final alegre que dá a tentar perceber que a vida continua que o circo e a nossa vida é um pouco uma mistura e foi bom para todos nós.. (C.D.L., 2009)

Toda a produção foi reposta, em 2002, sob a orientação coreográfica de Luís Arrieta. Edu Lobo e Chico Buarque reviram a produção musical, Rosa Magalhães (re)criou os figurinos e cenários

e, com Dani Lima, introduziram um novo elemento coreográfico aéreo, característico das artes circenses. Com uma *tourneé* realizada por todo o país, o *Ballet Teatro Guaira* reforçou a projeção do seu nome.

Em 2008, Deisily de Quadros apresentou uma dissertação de mestrado, tendo como referência o poema e as gravações dos espetáculos de 1983 e 2002, debruçando-se sobre a sua adaptação depois de musicado, ao teatro e à dança (1983) e mais tarde alargado às artes circenses (2002). Num exercício diverso daquele obriga-nos a comparar as adaptações para teatro e dança de grandes clássicos como *Romeu e Julieta* ou *Sonho de uma noite de verão*: da obra literária de Shakespeare para a *performance*. “Era uma época [na primeira abordagem de 1983] em que havia uma tentativa de popularizar o balé e de abraçar também a dança. E abordaram essa questão tão forte na história que é o místico, o transcendental. Acho que o espetáculo sobrevive muito por isso, porque essa é uma busca eterna do ser humano” (*Brant apud Quadros, 2013: para.5*), defendeu. Este é um dos aspetos que, do ponto de vista da coreografia em técnica clássica, nos faz refletir sobre a identidade conseguida, provável através da sua banda sonora, numa combinação que transporta o espetador à fantasia mística que a obra sugere. Embora Quadros (2008) não seja clara no seu artigo sobre a expressão “abraçar também a dança”, tal seria compreensível se nela assistíssemos, por exemplo, a momentos com apontamentos de expressões artísticas brasileiras, sendo necessário refletirmos sobre a identidade brasileira na expressão artística da dança, como o samba ou a capoeira, por exemplo.

A dança, enquanto expressão artística de técnica clássica goza da propriedade de se perpetuar no tempo há mais de cinco séculos (com origem nas danças da corte italiana do século XV), tendo evoluído na construção e na exuberância da forma (menos figurino, mais voltas, mais saltos, mais “bateria”, mais acrobacia) é certo, e diferenciando-se umas das outras essencialmente no estilo da sua “escola” (essencialmente inglesa, francesa, italiana e russa). Recentemente registámos um interessante testemunho que nos retrata esta universalidade, a propósito de uma pintura de *Degas* [em teatro italiano] sobre o trabalho denominado *The Dancer*, num *blog* de aficionados de *ballet* denominado *Balletómanos*, o seguinte depoimento:

Todos los aficionados a la danza conocen esta imagen pintada por Degas en 1878 [está referenciado como 1876/77], la bailarina en tutu romántico que parece empezar un piqué arabesque. Pero, menos sabrán que la bailarina del cuadro es española, Rosita Mauri de nombre, mallorquina de nacimiento y catalana por familia. (*Balletómanos, 2013*)

No artigo que escreve sobre o tema da sua dissertação, Quadros diz propor-se “analisar as transformações ocorridas na passagem **do texto poético para o texto cênico** [realce nosso], averiguando a manutenção ou a transformação dos componentes poético-literários.” (Quadros, 2010: 1) E ainda de como “[...] se dá o diálogo entre as diferentes linguagens – poema, dança, música.” (*ibidem*). Na medida em que se trata de uma obra original, recriada a partir de um poema e não de uma prosa, como seria comum assistirmos, esta reveste-se de particular interesse quando verificada a transformação das palavras, em atos performativos.

4. Reflexões Finais

Carlos Trincheiras, com um percurso artístico notável para um coreógrafo português na segunda metade do século XX, escolhe o Brasil para ali desenvolver a sua atividade e passar os últimos anos da sua vida. Deixa-nos aos 55 anos e a poucos dias de completar 56, com um legado que até hoje se celebra e perpetua no Brasil, onde criou escola e onde até à data de 2013 se encontravam, no ativo, aqueles que o ajudaram a construir a sua obra: o(a)s bailarino(a)s.

Muito embora a palavra mobilidade acompanhe a profissão de coreógrafo, ela apenas se torna viável, nos moldes das grandes produções clássicas, em instituições acolhedoras como as companhias de bailado, pelo que, o que assistimos não deixa de ser, à semelhança do que se vive vinte anos após a sua morte, a exportação de talento, com a correspondente saída de mão-de-obra qualificada. Nesta perspetiva, estaríamos bastante atuais, pois o que se assiste nas mais diversas profissões, em plena segunda década do século XXI, é isso mesmo: a saída de profissionais criados em Portugal para países em que o acolhimento profissionalizante se torna cada vez mais uma realidade.

Da nossa participação no *A Hora do Brasil – I Encontro de Estudos Brasileiros (2013)*, gostávamos que ficasse o despertar do interesse pela obra de Carlos Trincheiras que, no Brasil, colaborou com a adaptação de um poema brasileiro para levar à cena uma produção que vinte anos depois ainda desperta interesse.

Referências Bibliográfica

- Brant, Ana Clara. Uai Entretenimento. Emais. (2013, abril 4). *'O grande circo místico', espetáculo de Naum Alves de Souza, com trilha de Chico Buarque e Edu Lobo, completa 30 anos. Nova versão do balé e filme de Cacá Diegues já estão em produção*. Disponível em <https://www.uai.com.br/app/noticia/e-mais/2013/04/06/noticia-e-mais,141505/uma-historia-de-amor.shtml> [02.07.2019].
- Agência de Notícias Estado do Paraná. (2010, novembro 12). Cultura. *Escola de Dança Teatro Guaíra homenageia Carlos Trincheiras*. Disponível em <http://www.historico.aen.pr.gov.br/modules/noticias/article.php?storyid=60320> [08.08.2013].
- Balletómanos (2013, agosto 18). Disponibilizado por Silvia. *ssu. Rosita Mauri, la española que pintó Degas*. Disponível em <http://balletomanos.com/> [19.08.2013].
- Centro Cultural Teatro Guaíra. Disponível em <http://www.tguaira.pr.gov.br/modules/conteudo/conteudo.php?conteudo=9-> [21.04.2013].
- Companhia de Dança de Lisboa (C.D.O.). (2009, abril 22). *Carlos Trincheiras-Portugal ao encontro do Brasil II* [Ficheiro de vídeo]. Disponível em <http://www.youtube.com/watch?v=bjlm4qXF6os> [11.05.2021].
- De Quadros, Deisily (2010). Do Palco à Página, O Grande Circo do Mundo, Linguagens. In *Revista de Letras, Artes e Comunicação*. ISSN 1981-9943 Blumenau, v. 4, n. 3, p.286-299, set./dez. Disponível em <http://proxy.furb.br/ojs/index.php/linguagens/article/view/2902> [26.05.2013].
- Laginha, António (2013). Biógrafo oficial de Carlos Trincheiras e Isabel Santa Rosa. Legado privado não publicado, gentilmente cedido pelo autor, in <http://www.antoniolaginha.com/> [19.04.2013].
- Millarch, Aramis (1989, maio 9). *O circo místico (e mágico) na maturidade de um Ballet*. In *Tabloide Digital*. Disponível em <http://www.millarch.org/artigo/o-circo-mistico-magico-na-maturidade-de-um-ballet> [25.05.2013].
- 50 anos Ballet Guaíra. [Ficheiro de vídeo]. Disponível em <http://www.youtube.com/watch?v=XUdSPNiGLhg&t=637s> [11.05.2021].
- Revista da Dança. Disponível em <http://www.>

revistadadanca.com/ [20.04.2013].

Rodrigo Fonseca (2013, abril 10). *Cacá Diegues escreve livro de memórias e ganha retrospectiva em Nova York. Cineasta luta para filmar 'O Grande Circo Místico'*. Disponível em <http://oglobo.globo.com/cultura/caca-diegues-escreve-livro-de-memorias-ganha-retrospectiva-em-nova-york-8069578#ixzz2UPfG6DxX> [26.05.2013].

